



# Discurso

No auditório da Academia Paraense de Letras (APL), Belém, 3 de maio de 2018.

Página | 1



Discurso proferido pelo Orador Oficial do IHGP, o sócio efetivo

*Aldrin Moura de Figueiredo*

*Cadeira Nº 31, patronímica de Manoel Braga Ribeiro*  
por ocasião da Sessão Solene em comemoração aos 118 de fundação do IHGP e da APL



*S*enhora Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, professora Anaíza Vergolino, Senhor Presidente da Academia Paraense de Letras, doutor Alcyr Meira, em nome dos quais saúdo todos os membros da mesa, acadêmicos e confrades e todos aqui presentes.

2. Poderia começar este discurso ao modo de elogio como peça retórica de enaltecimento de qualidade ou virtude da confraria a que faço parte. Libelo à guisa de motivação ou autoestima das ações que se passaram em nossa irmandade, dos tempos pretéritos de sua fundação há 118 anos à data de hoje. Em parte, é isso que me traz aqui, sem que me deixe esquecer os oradores de maior envergadura que me antecederam no tempo. Um Arthur Vianna, um Manuel Braga Ribeiro, um Luiz Estevão de Oliveira, um José Maria de Castro Abreu Júnior, este aqui entre nós. É felicidade e honra, por certo, resumir



os feitos de gente nossa, por consideração devida que se distingue por seus dotes e maneiras, conhecimentos e atitudes.

3. O Instituto Histórico e Geográfico do Pará é um acontecimento *fin-de-siècle*, não pela data de 3 de maio do último ano do século XIX, no qual foi fundado, mas por guardar o duplo sentido de ocaso de uma era, de uma geração, de um modelo de pensamento, como também por narrar um longo período de esperança em um novo começo que tardou 17 anos a se concretizar. É dos mais antigos Institutos de história e Geografia, depois de Pernambuco, Alagoas, São Paulo, mas nasceu com igual incessante busca da construção de uma identidade nacional que passasse rastreio do passado como história pátria, do espaço como geografia afetiva da Amazônia, e da redescoberta do povo como registro etnológico de nossa formação cultural.

4. Há uma efeméride, um marco inicial, um vulto histórico a ser descrito. Nascemos no rol das comemorações do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil, sob o patronato de Paes de Carvalho. Nascemos rés do tempo. Toda vez que se organiza uma comemoração do passado, o que se está comemorando é uma visão do presente. Se o olhar de hoje é esquadrihado pela velocidade do tempo, por uma consciência global, por uma modernidade líquida, como quis Zygmunt Bauman, o tempo do nascimento do IHGP foi marcado pelo processo de criação ou reestruturação dos Estados nacionais. Um tempo que envolveu rupturas com os laços locais que até então predominavam. Era preciso transformar os indivíduos, que regulavam suas vidas por valores ligados à família, à vizinhança e à religião - os chamados valores tradicionais -, em cidadãos, numa lógica moderna e republicana. Passados 118 anos não há certeza se o projeto deu certo, mas há registro abundante de suas mazelas.

5. Estamos falando de uma geração de intelectuais, literatos, artistas, cientistas, que manejaram todos os meios simbólicos à disposição visando moldar a integração de populações, em sua maioria não-alfabetizadas, em um todo chamado nação. A Estrada de



Ferro de Bragança, as comunicações via telefone pela empresa de Pedro Chermont, os 12 mil quilômetros de cabos telegráficos já haviam alargado o horizonte dos indivíduos que viviam na Belém do final do século XIX e forneceram a dimensão espacial da integração nacional. A segunda geração de historiadores e geógrafos do IHGP foi pródiga nos hinos, bandeiras, festas, feriados, cartilhas, produzidos a mão-cheia como rituais que reafirmavam uma estratégia de pertencimento e uma comunidade de sentido. Escola, jornais, jogos da política, igrejas e sindicatos também fazem parte dessa longa história da construção de modernas identidades nacionais nos últimos cem anos.

6. O que nos faz olhar o passado é o que passamos hoje, marcados por uma cultura de abrangência transnacional, uma cultura, que bem diferindo do mundo que nos precedeu, desenha padrões que atravessam as fronteiras dos Estados nacionais. Os sinais mais evidentes dessa cultura estão no nosso cotidiano, nos smartphones, nas redes sociais, naquilo que fez a antiga e conceituada revista de nosso instituto timidamente adentrar na hipermídia, no ciberespaço e no universo das publicações digitais. As novas narrativas da história e as recentes cartografias da ciência não alcançam o mundo todo da mesma maneira e ao mesmo tempo: há distâncias que parecem crescer, não só entre países, nas assimetrias regionais, mas também no interior das sociedades e dos indivíduos. Heróis destemidos do *facebook* são, muitas vezes, criaturas mudas, discretas e sorrateiras frente a frente, face a face, vis-à-vis. Consumimos a descentralização da produção de bens - inclusive os culturais e intelectuais - e de seus mercados. A produção e as demandas são transnacionais e desterritorializadas.

7. Quando figuras, de gerações diferentes, como Domingos Antonio Rayol, Emilio Goeldi, Hygino Amanajás, Ignacio Moura, Henrique Américo Santa Rosa, Arthur Vianna, João Lucio de Azevedo e muitos outros tomaram assento em seu recém-fundado sodalício, nascia o novo século emerso das ideias de progresso e de modernidade. Nascia uma modernidade lida como noção de um tempo progressivo, linear, capaz de ser cronometrado,



e que valoriza o presente e a expectativa do futuro, porém ainda sob a sombra da história. Essa primeira geração de intelectuais do IHGP transformou a história em assunto de governo e apelo popular – tanto que o IHGP foi instituição natimorta. Passada a pomposa cerimônia de criação no Theatro da Paz, as parcas reuniões e o lançamento da primeira revista, os membros rumam para seus campos de atuação para além dos muros da confraria. Theodoro Braga é mais pintor que historiador, Santa Rosa é mais engenheiro que geógrafo, Arthur Vianna sempre foi mais historiador que farmacêutico, o cientista Emilio Goeldi, em 1907, após 13 anos de atividades incessantes em Belém, retirou-se, doente, para a Suíça, onde faleceu aos 58 anos. Domingos Antonio Rayol, homem da monarquia, desiludido com os rumos da República, morre aos 82, em 1912. João Lúcio de Azevedo, português que aqui chegou como caixeiro, enriqueceu, retornou para Europa vivendo em Paris e Lisboa, tornando-se um dos mais brilhantes historiadores de sua geração.

8. Não temos tempo de tomá-los pelo miúdo, mas sua grande obra está em abrir caminho para uma nova leitura da história e da geografia do Pará e da Amazônia. A modernidade desses intelectuais também se ocupa do passado ao marcar eventos fundadores que devem ser conhecidos e reconhecidos pelos habitantes do território e que fazem parte da memória nacional. Não é sem sentido dizer que o, por assim dizer, renascimento do IHGP em 1917 só pôde ocorrer envolto em duas outras efemérides – a fundação de Belém, comemorada em 1915 e 1916, pois na época ainda se sabia a data certa dos feitos de Francisco Caldeira Castelo Branco, e a revolução pernambucana de 1817, em parte inventada para ajustar o calendário paraense aos feitos nobres daquela famosa gente do Leão Coroado e Frei Caneca. Com isso, quero dizer que, paralelamente ao tempo progressivo, havia uma outra memória mais sentimental, mais afetiva, que está ligada à noção de ciclo, de retorno. Essa noção, mais próxima da percepção do senso comum, parece confirmada pela alternância entre dia e noite, chuva e estio, sol e sombra, morte e vida. Esse tempo cíclico, afetivo, também tem suas festas e comemorações. Os anos de cada um, os



aniversários de casamento, o círio da virgem, o ano novo, permitem uma reconstrução simbólica do recomeço: fazem-se planos e promessas que, agora, serão cumpridas.

9. O IHGP que nasceu irmanado umbilicalmente com esta Academia Paraense de Letras, partilhou dessa história, em parte cumprida. De fato, da lida na história, nosso instituto se reinstala, tem seus estatutos reformados e novos sócios admitidos na qualidade de fundadores. Hoje somos 70, em 1917 éramos 74, em 1900 éramos 56. Não tínhamos patronímica, mas tínhamos heróis. Theodoro Braga, um sujeito que conheço razoavelmente bem, além de artista era dedicado estudioso da cronologia, diplomática, epigrafia, felerística, genealogia, heráldica, numismática, onomástica, paleografia e filatelia, desenhou-nos o brasão, que hoje carregamos no peito, no verso da efígie de Pedro Teixeira, como comenda do solar dos azulejos, pendente em fino gorgorão azul.

10. Há que se falar de nossa casa. Nossa presidente Anaíza devota-lhe um amor incondicional e é voz corrente que a vida que hoje habita naquele solar, muito lhe deve. A casa é em si um testemunho do antigo Grão-Pará e do nascimento da nação. Pouco sabemos da feitura de seu alicerce, mas a genealogia ajuda-nos na imbricada teia das famílias do século XIX. O barão de Guajará dá nome e memória à casa. Mas a justa herdeira era sua mulher, dona Maria Victoria Pereira de Chermont Rayol, baronesa do Guajará, que o herdou de seu tio, Antônio Lacerda de Chermont, visconde do Arary, que por sua vez a recebeu por transferência de sua irmã, dona Inês Micaela de Lacerda Chermont. Foram seu pai, Theodosio Constantino Chermont Filho e principalmente seu avô, o sargento e engenheiro militar Theodosio Constantino Chermont, que tiveram destaque desde o final do século XVIII e primeiros anos do século XIX, no processo de “desaguamento” do alagado do Piry. Em 1803, ao tempo do governo do Conde dos Arcos, com a direção do mestre de campo José Manoel Seabra e alguns escravos, seguindo o plano do velho Theodosio Chermont, foi que trataram desse serviço considerado necessário para o crescimento e salubridade de Belém.



As datas confirmam que o nascimento de nosso prédio testemunhou o primeiro grande crescimento de Belém para além da Cidade e da Campina.

11. Temos com orgulho essa construção de inspiração ibérica, com três pavimentos, e o último em forma de camarinha. Pátio interno ao modo moçárabe com um pé de ginja sempre visitado pelo Beija-Flor que circula no WhatsApp. Tem fachada revestida de azulejos únicos, com desenhos geométricos em branco e azul de cobalto, vindos do Reino. Na segunda metade do século XIX, o solar foi sendo requintado, com piso e forro de madeira em acapu e pau amarelo, escada para o segundo pavimento com guarda-corpo, balaustrada e assoalho em parquetaria igualmente geométrica de inspiração mourisca. Perdemos os lustres na dureza dos anos e, nas goteiras, alguns papéis não sabemos de que vulto. Nada disso, no entanto, teria a importância que tem sem os sedimentos de memória e os grupos e clãs, de maior cabedal ou menor posse, que por ali se abrigaram. Nós, hoje, somos os herdeiros de Domingos, Maria Victoria, Antônio e Inês Micaela.

12. O destino já havia traçado, mas somente em 1942, na prefeitura de Abelardo Conduru, que foi presidente do Instituto, e interventoria de Gama Malcher, que a residência dos barões do Guajará foi formalmente doada para servir de sede social ao IHGP. É importante afirmar que não foi somente o “tempero político”, nas palavras de nosso confrade José Maia Bezerra Neto, em seu discurso de posse, que traziam as autoridades civis, militares e eclesiásticas ao grêmio, mas também seu empenho nas causas da agremiação, além do lastro de atuação em instituições e motivações sociais. Abelardo Conduru, em que pese o campo de disputas políticas de seu tempo, havia se destacado na imprensa como diretor do jornal A República e colaborador da Folha do Norte, atuado na Sociedade de Educação do Pará, se engajado em campanhas sanitárias, como presidente da Liga contra a Tuberculose, da Liga contra a Lepra, além de ter sido provedor da Santa Casa de Misericórdia, grão-mestre adjunto na loja maçônica Oriente do Pará e membro desta Academia Paraense de Letras.



13. Digo isto para observar a atuação de grandes presidentes de nossa casa, índice no qual se destaca atualmente a professora Anaíza Vergolino, liderança que sinto unânime entre nós. Ela, no entanto, carrega consigo, o conteúdo totêmico de nossa confraria, por parentesco simbólico, por afinidade intelectual, por todo o conjunto de ritos e práticas, como este que experimentamos neste momento em que discurso. Aqui se revisita a presidência do Dr. Ignacio Baptista de Moura, que em 1917, aos 70 anos, foi a liderança capaz de reunir antigos e modernos, velhos e novos, conservadores e liberais, passado e presente. Não bastava, no entanto, mimetizar o poder moderador nos diversos esteios da casa, quase sempre foi necessário o beneplácito das letras e do pêndulo da história. Na primeira metade do século XX, praticamente toda a produção científica da história, da geografia e da etnologia produzida no Pará saiu dos debates do IHGP, como no caso exemplar de Henrique Jorge Hurley, presidente no biênio de 1932 a 1934, e que então prepara as obras basilares para uma nova interpretação da cabanagem.

14. Para quem tem medo dos debates, das polêmicas, das divergências intelectuais e políticas posso afirmar, sem medo, que os melhores momentos do nosso IHGP foram contendas e pelejas sobre os sentidos e significados da interpretação da história. Sábias alterações e disputas renderam obras fundamentais para a nova historiografia da Amazônia e as releituras contemporâneas que por hora fazemos. Difícil não lembrar das discussões acirradas, na década de 1920, no calor da hora, entre Augusto Meira e João de Palma Muniz sobre os significados do célebre episódio do brigue palhaço e sobre as guerras da independência no Pará. Venceu Palma Muniz, mas hoje entendemos muito melhor pelo que brigava o velho erudito Augusto Meira, que suponho, hoje talvez pudesse ser muito melhor compreendido.

15. Augusto Meira bradava que o episódio do Brigue Palhaço representava a nossa delenda est Carthago. O sal que os romanos salpicaram sobre terra devastada da província rebelde no norte da África tinha o mesmo peso da cal que Grenfell mandou jogar sobre os



256 paraenses rebeldes no porão do navio. Cartago era, assim, um paradigma heurístico para a história das civilizações modernas. O que Augusto Meira demonstrava era que o uso do mito político da guerra entre Roma e Cartago estava na ordem do dia nos debates em torno das comemorações do centenário da Independência, e isso vinha também um imenso repertório cognitivo que mesclava os textos de Flaubert em Salambô, o conceito de paz cartaginesa em John Maynard Keynes, os versos de A terra desolada, de T. S. Eliot. No entanto (e bom reiterar isso nos dias hoje em que a paciência para ouvir e debater anda rarefeita), a diversidade das interpretações da “adesão” ou da “guerra” de Independência representaram muito mais do que uma pendenga historiográfica ou uma disputa sobre autoridade intelectual. Houve mesmo uma mudança no eixo interpretativo da história da Amazônia no contexto do modernismo local. Porém, antes de qualquer coisa, a efeméride e sua comemoração revelaram muito sobre aquilo que viríamos, pouco a pouco, chamar de uma nova interpretação da identidade amazônica.

16. Célebres também foram os debates entre o presidente Jorge Hurley (1882-1958) e Carlos Estevam de Oliveira (1880- 1946), membro do IHGP e diretor do Museu Emilio Goeldi (1930-1945), defesas apaixonadas de pontos de vista contrários, que ao fim e ao cabo, revelam a importância das comissões de atividades que o IHGP solidificou na década de 1930 - Pesquisa de Documentos, Geografia e Etnografia, História e Arqueologia. Muitos dos pronunciamentos e sessões ocorreram no salão de honra da Associação da Imprensa, localizada na Praça da República, nº 34 e abertos ao público em geral. E assim, ontem como o hoje, o IHGP vai deixando claro seus principais objetivos. Já não a construção de uma história local e nacional, de invenção do passado, de traçar cronologia de fatos e eventos dignos do memorial diário da nação. Porém, continua a ser o de promover o estudo, animar o desenvolvimento e fazer a difusão do conhecimento da Geografia e da História em todos os seus ramos, e em suas aplicações na vida social, política e econômica especializando trabalhos no que toca ao Estado do Pará. Também de reunir, concatenar, publicar ou





arquivar documentos e trabalhos da geografia, história, etnografia e arqueologia do Brasil e especialmente do Pará, agora alargados em muitos campos de conhecimento, do folclore ao turismo, das artes à religião, da literatura ao patrimônio histórico.

17. E para pôr fim a estas palavras, lembro aqui um registro pessoal de meu avô paraibano, Antonio José Veríssimo de Figueiredo, para quem festa, solenidade, comemoração é coisa de todo dia. Todo santo dia nasce alguém que se tornará importante, todo dia morrerá alguém que deixará saudade nos obituários das instituições. Pois é exatamente dessa maneira, que dia de 3 maio, a data de hoje, também é o aniversário de Nicolau Maquiavel, igualmente historiador de Florença nascido em 1469; de uma mulher do porte de Golda Meir, fundadora e primeira ministra de Israel, nascida em 1898, em Kiev, na Ucrânia; do lexicógrafo, filólogo e ensaísta brasileiro Aurélio Buarque de Holanda, nascido em 1910, no Passo do Camaragibe, em Alagoas; de Milton Santos, quiçá o mais importante geógrafo brasileiro de todos os tempos, nascido em 1926, em Brotas de Macaúbas, no Estado da Bahia. De todos os aniversários do dia, além é claro do nosso IHGP, prefiro ainda o de James Brown, o “Rei do Soul”, nascido em 1933, em Atlanta, nos Estados Unidos.

18. Não fiquemos tristes, cumprimentemos a memória do IHGP, pois com Chapeleiro Louco, no País das Maravilhas, aprendemos que todos os dias é um nosso desaniversário. Pode ser um chá com bolo, como gosta a nossa confreira Paula Calluf, pode ser uma cerveja bem gelada como gostam vários rapazes e moças aqui finamente engalanados; pode ser um peixe frito com açaí e um copo d’água bem gelada como eu gosto. Não sei vocês, mas *I feel good*. Eu me sinto bem, eu sabia que me sentiria bem. Vida longa, aplausos e festas ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará e sua imensa memória.

*Muito obrigado.  
Aldrin Moura de Figueiredo*

